

**"Zen and the Art of Motorcycle Maintenance"
- Robert Pirsig**

Uma viagem ao coração do pensamento

A longa viagem pelas estradas da América que envolve este livro é, na verdade, uma exploração do pensamento ocidental no século XX. A autoconsciência que resulta desta odisséia pode ser o ponto de viragem para novas formas de pensar, novas atitudes, na procura tanto da harmonia e da tranquilidade, como da qualidade e da excelência. "Zen and the Art of Motorcycle Maintenance" é um livro fascinante.

Na bagagem, uma preocupação: a profunda separação entre aquilo que o homem é, e aquilo que o homem faz. Simbolizada pela pressa com que o faz. Também uma pista: a repulsa pelo progresso tecnológico está no cerne desta desarmonia. É paradoxal que aquilo que o homem do século XX mais procura seja algo que ele considera feio.

Fundamental nesta exploração é o exame da ciência e da racionalidade, e a avaliação do verdadeiro valor dos dogmas da igreja da razão. Este exame começa pela contraposição de duas formas de perceber a realidade: uma romântica, artística, que apreende a aparência imediata; outra clássica, científica, que procura as formas e estruturas subjacentes. As pessoas tendem a pensar e sentir num dos modos, e a subestimar sem compreender o outro modo.

O clássico pega numa mão cheia de areia e procura os diferentes tipos de grãos, classificando-os em termos das suas cores, tamanhos, formas, etc. O romântico contempla a mão cheia de areia antes de qualquer ordenação. Chamando a atenção para a imensa paisagem da qual foi retirada a areia, Pirsig pretende conciliar estas perspectivas.

A estruturação das tarefas numa fábrica ou num governo evidencia a transposição da realidade clássica para a organização da produção. O esvaziamento do significado das tarefas de cada um é atribuído ao "sistema". Mas o verdadeiro sistema é a nossa forma de pensar, a nossa racionalidade particular. Precisamos de maior compreensão.

Pirsig critica o método científico, chamando a atenção para a sua fase mais misteriosa: a formação das hipóteses. De onde vem a quantidade infinita de hipóteses que podemos formular para resolver um

determinado problema? E apoia-se nas palavras de Einstein, que considera que são a intuição e o bom senso que nos permitem aceder às leis do universo. A estrutura da nossa racionalidade não é tão emocionalmente e espiritualmente vazia como pensamos.

Segundo Kant, todo o conhecimento começa com a experiência, mas nem todo provém da experiência. Usamos conceitos "*a priori*", como o tempo e o espaço, que nos ajudam a tornar o mundo inteligível, não sendo fornecidos pelos sentidos. A realidade é um conjunto de conceitos "*a priori*", juntamente com os dados que os sentidos nos vão fornecendo a cada instante.

Na Índia, Pirsig é enriquecido pelo contacto com a filosofia oriental, em particular com a ideia da unidade entre o que uma pessoa é e aquilo que percebe. Aquele que percebe a natureza ilusória da separação entre sujeito e objecto é um iluminado. Distinguimos facilmente um artesão medíocre de um excelente. O artesão excelente não segue um conjunto de instruções. É um artista que vai tomando decisões ao longo do trabalho, em harmonia com a máquina. O problema da tecnologia é que está completamente desligada do espírito e do coração. Estando as nossas necessidades básicas satisfeitas, a nossa atenção passa para a crise espiritual, e a tecnologia é vista como a culpada.

As peças deste tremendo puzzle vão-se acumulando, assim como as poderosas metáforas que são o veículo dos ensinamentos de Pirsig. Mas a solução não está à vista. Quando dissolvemos material a uma temperatura elevada e arrefecemos, em seguida, a solução, o material pode não cristalizar. Não descobre como. Precisa de algo que catalise a cristalização, como um grão de areia. O grão de areia que originou o pensamento de Pirsig terá sido o comentário: "Espero que esteja a ensinar Qualidade aos seus alunos." Qualidade... Um coisa têm mais do que outras, é certo. Mas não a conseguimos definir! O que é a Qualidade?

Numa passagem sobre o bloqueio dos alunos perante a necessidade de escrever, Pirsig ilustrou o vício da imitação e a necessidade de libertar os alunos para que olhem directamente para as coisas. A eliminação do sistema de classificações pareceu-lhe uma forma de o fazer. Nessa altura, a sua preocupação era a de ensinar Qualidade. Apesar de não conseguirem definir qualidade, os seus alunos distinguem os trabalhos com mais qualidade dos que têm menos.

Em resposta a um desafio, Pirsig chega à conclusão que a Qualidade não existe apenas na nossa mente, nem pode ser medida nos objectos, residindo na relação entre eles. E que a Qualidade não é uma coisa,

mas um acontecimento no qual o sujeito se apercebe do objecto. A Qualidade cria o sujeito e o objecto! É esta a polémica alavanca da sua filosofia. A leitura do Tao Te Ching revela-lhe a semelhança entre a Qualidade e o Tao. A conciliação do pensamento ocidental com o oriental está próxima.

A busca da demonstração do quinto postulado de Euclides acaba por confrontar os cientistas com diversas geometrias possíveis, todas "*verdadeiras*". Com esta etapa no caminho para a teoria da relatividade, Pirsig exemplifica a necessidade de seleccionar os factos a observar, os conceitos "*a priori*" e as hipóteses que usamos. Os objectos não são "*verdadeiros*", são convenientes, sendo seleccionados de forma inconsciente, com base na sua beleza e harmonia.

Pirsig suspeita que a raiz do ódio à ciência e tecnologia esteja no pressuposto de que estas são independentes dos valores e da Qualidade. Se subtraíssemos ao mundo a Qualidade, desapareceriam as artes, o desporto e muitos dos produtos que consumimos. Mas a ciência pura, a matemática, a filosofia e a lógica permaneceriam inalteradas! O problema da tecnologia aparece agora como um problema de indiferença, de ausência de Qualidade. A busca de Pirsig vira-se para a concretização prática do conceito de Qualidade, aplicando-o à manutenção da sua mota.

Uma situação problemática na manutenção de uma mota é o bloqueio. Perante uma solução que não funciona, bloqueamos. Não sabemos o que fazer! A excelência num mecânico reside no profundo entendimento da máquina, e da harmonia e flexibilidade com que lida com ela. Estas são características que a nossa racionalidade não percebe, por insistir cegamente na objectividade.

Na crista da onda da experiência está a realidade romântica. É a percepção imediata, pré-intelectual, que desencadeia a Qualidade, guiando o comboio da realidade clássica. Aquilo que tem valor, que tem Qualidade, promove o desenvolvimento do nosso conhecimento racional e estruturado. As emoções recuperam o seu papel. O valor passa a ser o guia da realidade, e esta deixa de ser estática, adquirindo uma dinâmica de busca permanente da Qualidade.

Em muitos carros, roupas e alimentos estilizados que consumimos, a beleza romântica é adicionada à funcionalidade clássica. Estas estão profundamente unidas quando a Qualidade é genuína. Os gregos consideravam que deveríamos rejeitar as paixões para entendermos a realidade. Pirsig devolve agora às emoções o seu papel.

Entusiasmo provém do grego "*cheio de theos*", cheio de Deus, ou Qualidade. A manutenção de uma mota exige a ultrapassagem de

diversas armadilhas do entusiasmo. Há milhões de armadilhas diferentes, que nos enchem de frustração e fúria, roubando-nos o entusiasmo e impedindo-nos de prosseguir. Pirsig identifica três grandes grupos de armadilhas: as que bloqueiam o entendimento afectivo, chamadas armadilhas de valor; as que bloqueiam o entendimento cognitivo, chamadas armadilhas da verdade; e as que bloqueiam o comportamento motor, chamadas armadilhas musculares.

As armadilhas de valor são as mais frequentes, e, entre estas, a rigidez de valores. A incapacidade de reavaliarmos o que vemos bloqueia a aprendizagem, mesmo que o problema esteja à frente do nosso nariz. Além da teimosia, o orgulho, a preguiça, a ansiedade, o aborrecimento e a impaciência são outras armadilhas do entusiasmo, bloqueadoras do entendimento afectivo.

Entre as armadilhas da verdade, inclui-se a limitação da nossa lógica binária de sim-não. A palavra japonesa "*mu*" sugere uma terceira possibilidade: a pergunta deve ser retirada porque a abrangência da resposta ultrapassa o contexto da pergunta. As armadilhas musculares são relativas à habilidade, natural ou adquirida, que pode ser limitada, por exemplo, pela falta de ferramentas adequadas ou pelo desconforto físico.

É paradoxal que as pessoas se sintam mais sós nos sítios onde estão mais próximas. Desanimado com a indiferença que domina as cidades, Pirsig procura explicações e soluções. A distância relevante é a psíquica, e nesta América dos aviões a jacto e da televisão as pessoas perderam a noção daquilo que as rodeia, talvez por os media as ter convencido de que o que está à sua volta não é relevante. Não passa na televisão... Mas na América dos cavalos, das montanhas e do céu aberto, não se sente a solidão.

Para tornarmos o mundo um lugar melhor, devemos começar pelo nosso coração, cabeça e mãos. Valores individuais com Qualidade levam a valores sociais com Qualidade. Quando uma pessoa começa a fazer opções de qualidade, tentando fazer uma arte daquilo que faz, mesmo que seja um emprego aborrecido, vai-se tornando uma pessoa mais interessante. E a Qualidade propaga-se como uma onda, tornando o mundo um pouco melhor. Precisamos de um regresso à velha integridade, à confiança e ao entusiasmo.

Mas o que Pirsig perseguiu em tempos não foram estas opções de Qualidade, mas uma nova racionalidade, na qual se invertesse a hierarquia, passando a razão a subordinar-se à Qualidade.

Na Grécia antiga, os filósofos procuraram identificar o princípio imortal, do qual tudo derivava. Discutiam se seria a água, o ar, os números, o fogo, a mente ou a mudança. Nessa altura, Parménides que estabeleceu a distinção entre o Bem e a Verdade, um referencial da disputa entre Platão e os sofistas. Os sofistas afirmavam que a verdade era relativa, "*o homem é a medida de todas as coisas*". O ideal de Verdade, que surge na Grécia pela primeira vez, encontrava-se ameaçado, e Platão defendeu-o vigorosamente.

O que movia o herói épico da Grécia era a "*areté*", um sentido de dever para com ele próprio, a virtude, a excelência. Conceito semelhante ao indiano "*dharma*". Qualidade, virtude, "*dharma*", "*areté*", excelência. Os sofistas ensinavam Qualidade! O princípio de tudo.

Na universidade, a análise de um texto de Platão fá-lo perceber que a Qualidade não interessa à igreja da razão, que rejeita os sentimentos na sua busca incompleta da verdade. Percebe também que ninguém precisa de aprender o que é a Qualidade. Toda a gente sabe o que é, e qualquer tentativa de definição acaba por aprisioná-la. Que ingloria a sua missão...

Apesar de tudo, a viagem acaba de forma maravilhosa. Desperto para a beleza da paisagem e para a harmonia entre a mota e a estrada, Pirsig sabe que as coisas vão melhorar.

João Correia da Silva
Maio 2003